



Duração:

120 MINUTOS

Nome: n.º: turma:

Data:/...../..... avaliação:

GRUPO I

PARTE A

Lê o texto.

Trinta e quatro anos antes do nascimento desta revista, o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard profetizava um destino banal para a recente arte da fotografia. “Como o daguerreótipo¹, todos poderão tirar um retrato, [um benefício] antigamente reservado aos proeminentes”, observou. “Ao mesmo tempo, tudo está a ser feito para nos tornar exatamente iguais, pelo que precisaremos de apenas um retrato.”

5 A *National Geographic Society*, fundada em 1888, não procurou testar a tese de Kierkegaard ou, pelo menos, não o fez logo nos seus verdes anos. A missão desta sociedade científica era a exploração e as páginas da sua revista oficial não constituíam propriamente uma orgia visual. Passar-se-iam anos até os exploradores da *National Geographic* começarem a utilizar a máquina fotográfica como ferramenta para trazer aquilo que é agora a principal razão da sua fama: reportagens fotográficas capazes de alterar percepções e, na melhor das hipóteses, de mudar vidas.

10 Ao captar uma partícula preciosa do mundo, retirando-a do tempo e do espaço e conservando-a absolutamente imóvel, uma excelente fotografia pode fazer explodir todo o nosso mundo, de tal maneira que nunca voltaremos a vê-lo com os mesmos olhos. Afinal, como Kierkegaard também escreveu, “a verdade é uma armadilha: não é possível consegui-la sem que ela nos capture.”

15 Atualmente, a fotografia tornou-se uma cacofonia² global de imagens congeladas. Milhões de imagens são transferidas para a Internet ou suportes digitais a cada minuto. De igual modo, cada pessoa é um tema fotográfico e tem consciência disso. Em breve, o instante desprevenido será acrescentado à lista de espécies em vias de extinção. É nesta “terra infirme” hiperigualitária³, quase orwelliana, demasiado preparada para a fotografia, que os fotógrafos da *National Geographic* continuam a destacar-se.

20 O motivo para esta distinção prende-se, primeiro, por escolhas pessoais que ajudam a definir o estilo de um fotógrafo. Mas, para além dessas escolhas, as melhores imagens recordam-nos que um fotógrafo tem o poder de fazer infinitamente mais do que documentar. Pode transportar-nos para mundos nunca dantes vistos.

Quando digo a qualquer pessoa que trabalho para esta revista, vejo os seus olhos abrirem-se de espanto e sei o que acontecerá quando eu acrescentar, como devo: “Lamento, mas sou apenas um dos que escrevem.” Um fotógrafo da *National Geographic* é a personificação da mundanidade⁴, a testemunha de toda a beleza terrena, 25 o protagonista do trabalho de sonho de toda a gente. Já estive frequentemente na companhia de fotógrafos da *National Geographic* em missão e o que vi é em tudo admirável e em nada invejável. Se aquilo que os impele é uma determinação feroz em contar uma história através de imagens transcendentais, a sua missão é dificultada por uma litania⁵ diária de obstrução (taxas de excesso de bagagem, climas inóspitos⁶, um coro grego de “nãos”), interrompido de tempos a tempos por desastres (ossos partidos, malária, detenções). Longe de casa durante 30 meses a fio, perdendo festas de aniversário, feriados, eventos na escola dos filhos, podem dar por si cumprindo o papel de embaixadores indesejados em países hostis. Ou sentados em cima de uma árvore durante uma semana. Ou a comer insetos ao jantar.

Robert Draper, in *National Geographic*. n.º 152, 7 de novembro de 2013, p. 6.

Notas:

¹ Aparelho fotográfico primitivo, inventado por Daguerre; retrato obtido com esse aparelho. ² Som desagradável ou palavra obscena resultante da união de sílabas ou palavras diferentes. ³ Igualitária em muito alto grau. ⁴ Tudo o que é relativo ao mundo. ⁵ Enumeração enfadonha. ⁶ Que apresenta más condições para a existência do homem.

Cotação

- 5 pontos **1** As afirmações apresentadas de (A) a (G) referem-se a acontecimentos apresentados por Robert Draper no texto, no sentido de recordar a história da revista *National Geographic*.
Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem cronológica desses acontecimentos, do mais antigo para o mais recente. Começa a sequência pela letra (E).
- (A) A fotografia surgiu como forma de arte.
(B) O filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard fez uma profecia relacionada com o futuro da fotografia.
(C) Num futuro próximo, não existirão fotografias de pessoas/situações desprevenidas.
(D) Os exploradores da *National Geographic* começaram a captar imagens do que investigavam.
(E) As fotos eram reservadas apenas às pessoas muito importantes.
(F) Nos seus primeiros tempos, a sociedade científica *National Geographic* tinha como objetivo a exploração.
(G) Atualmente, os fotógrafos da *National Geographic* distinguem-se dos fotógrafos comuns.
- 2 pontos **2** Selecciona, para responderes a cada item (2.1. a 2.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.
Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
- 2.1. O filósofo dinamarquês considerou que a fotografia
- (A) era um privilégio das pessoas mais importantes.
(B) deveria ser um privilégio das pessoas mais importantes.
(C) deveria ser um benefício de todas as pessoas.
(D) era um benefício de todas as pessoas.
- 2 pontos 2.2. As ideias de Kierkegaard
- (A) foram produzidas em anos verdes, pelo que a *National Geographic* procurou comprová-las desde o seu início.
(B) estiveram no centro das preocupações da *National Geographic* desde 1888.
(C) foram tidas como verdes pela *National Geographic*, que não as levou em consideração.
(D) não constituíram uma preocupação para a *National Geographic* no seu início.
- 2 pontos 2.3. A *National Geographic* é uma revista muito conhecida devido
- (A) à qualidade das suas fotografias.
(B) aos seus exploradores.
(C) a algumas reportagens famosas.
(D) à fama que tem.
- 2 pontos 2.4. Segundo Robert Draper, uma excelente fotografia tem a capacidade de
- (A) destruir fisicamente o mundo.
(B) guardar aquilo que os nossos olhos não voltarão a ver.
(C) alterar definitivamente a nossa visão do mundo.
(D) guardar uma visão do nosso mundo.
- 2 pontos **3** Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.
Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
- (A) O determinante “seus” (l. 6) refere-se a “National Geographic Society”.
(B) O pronome “-lo” (l. 12) refere-se a “olhos”.
(C) O determinante “seus” (l. 22) refere-se a “qualquer pessoa”.
(D) O pronome “os” (l. 26) refere-se a “fotógrafos da *National Geographic*”.

PARTE B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Não foi com certeza assim mas faz de conta

Do que eu mais gostava na Beira Alta era da surdez do meu avô. Usava uma espécie de auscultadores de que saía um fio entrançado que terminava na pilha

enorme

no bolso de cima, e dava-me ideia, pela expressão atenta, de estar sempre a comunicar com os anjos ou essas
5 vozes sem corpo que julgava perceber nos pinheiros e ele decerto escutava. A nós, aos terrenos, não nos ouvia nunca: a minha avó gritava-lhe, por sinais que estávamos ali, o meu avô olhava para baixo, sorria, principiava um gesto na nossa direção de que se esquecia logo, chamado pelos pinheiros ou por alguma urgência celeste. De pessoa tinha pouco: não me lembro de o ver rir, de o ver comer: ou permanecia calado na varanda para a serra ou então lia o jornal, que chegava no comboio do meio-dia e era necessário ir buscar à estação. De casaco de linho
10 branco, encostado a um pilar, voltava as páginas num ruído de pombos sem que a sua expressão mudasse uma só vez. Se calhar nem lia: demorava-se nas notícias o tempo necessário para pensarmos que lia, esquecia-se das folhas numa cadeira de lona e descia para a vinha sem pisar os socalcos¹, na leveza distraída dos serafins². A sua presença era uma silenciosa ausência que cheirava a brilhantina³: ao fim da tarde, depois do banho

(puxava-se a água do poço com uma bomba e o chuveiro era um balde com buraquinhos)

15 Deixavam-me pôr no cabelo uma gota desse creme branco que me endurecia as madeixas e me embalsamava de um perfume de Paraíso. Contrariamente ao que eu pensava os sons da casa não diminuía de intensidade (os castanheiros continuavam a estalar nas janelas)

Nem os anjos se interessavam por mim. Jantava de pijama, amuado com Deus.

Não me recordo de o meu avô fazer fosse o que fosse a não ser levantar⁴. De tempos a tempos introduzia um
20 cigarro na boquilha e fabricava nuvens com a boca. Talvez a construção de nuvens constituísse o seu trabalho essencial: as criadas chamavam-lhe senhor engenheiro. Para mim os engenheiros erguiam pontes e prédios. O meu avô, mais dado às coisas sem peso e à falta de substância da matéria, preferia o que, de gasoso, obedece aos caprichos do vento. As suas caravelas de fumo, perfeitas, rigorosas, navegavam setembro inteiro para oeste, transportando os patos bravos e o verão consigo. Cansado de tecer o outono o meu avô adormecia na poltrona
25 da sala.

Da mesma maneira que me não recordo de ele fazer fosse o que fosse também não me recordo de cumprimentar ninguém. As visitas iam e vinham, nós íamos e vínhamos, os jornais amarrotavam-se no caixote do lixo anunciando o dia seguinte

(a partida dos jornais para o caixote do lixo anunciava os amanhãs) e o meu avô permanecia, silencioso e
30 ausente, ora a dormir na poltrona ora a edificar nuvens na varanda, única coisa imutável num mundo onde até as árvores morriam.

António Lobo Antunes, *Segundo livro de crónicas*. Alfragide, Publicações D. Quixote, 2009, pp. 7-8.

Notas e vocabulário:

¹ Socalco: Porção mais ou menos plana de terreno numa encosta, sustida por parede. ² Espírito celeste. ³ Cosmético para a barba e para o cabelo.

⁴ Erguer-se acima do solo e ficar no ar, não estando suspenso por nada visível.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

Cotação

- 5 pontos **4** Identifica os dois tipos de entidades que, na perspetiva do narrador, rodeavam o avô, justificando a diferença de atitudes deste para com cada uma delas.
- 5 pontos **5** Explica o que pretende o narrador sugerir ao afirmar «A sua presença era uma silenciosa ausência» (ll. 12-13), indicando duas atitudes do avô que confirmam a opinião do narrador.

Cotação

- 5 pontos **6** Justifica o facto de o narrador considerar o título “senhor engenheiro” inadequado, referindo a real ocupação do avô.
- 4 pontos **7** Explicita como se apercebia o narrador da passagem do tempo.
- 6 pontos **8** Lê os versos do poema «XXV», de José Gomes Ferreira, apresentados abaixo, e o comentário que se lhes segue.

Aquela nuvem
 Parece um cavalo...
 Ah! se eu pudesse montá-lo!

José Gomes Ferreira, *Poeta militante II*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991.

Tanto nestes versos do poema «XXV» como na crónica de António Lobo Antunes, é possível concluir-se que a visão das crianças leva a interpretações que se afastam da realidade.

Defende este comentário, apresentando razões que possam explicar esta realidade.

Fundamenta a tua resposta com elementos textuais retirados de ambos os textos que evidenciem esta opinião.

PARTE C

Lê as estâncias 49 e 50 do Canto V d'*Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 9. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

- 49** «Mais ia por diante o monstro horrendo,
 Dizendo nossos fados, quando, alçado,
 Lhe disse eu: — «Quem és tu? Que esse estupendo
 Corpo, certo me tem maravilhado!»
- 5 A boca e os olhos negros retorcendo,
 E dando um espantoso e grande brado,
 Me respondeu, com voz pesada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pesara:
- 50** «Eu sou aquele oculto e grande Cabo,
 A quem chamais vós outros Tormentório¹,
 Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
 Plínio², e quantos passaram, fui notório.
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto Promontório,
 15 Que pera o Pólo Antártico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto ofende.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*.

Leitura, prefácio e notas de A. Costa Pimpão, Ministério da Educação, 1989.

Vocabulário:

¹ O nome de cabo das Tormentas foi-lhe posto pelo seu descobridor, Bartolomeu Dias. D. João II mudou-lhe o nome para da Boa Esperança.

² Todas as figuras referidas foram geógrafos.

Cotação

10 pontos

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

- 9** Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 49 e 50.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os sete tópicos apresentados a seguir. Se não mencionares ou se não tratares corretamente os dois primeiros tópicos, a tua resposta será classificada com zero pontos.

- Indicação do episódio a que pertencem as estrofes.
- Identificação do narrador do episódio e apresentação de uma marca linguística da sua presença na ação.
- Descrição física do monstro, referindo a sua evolução, de acordo com o teu conhecimento do episódio.
- Justificação da reação do monstro.
- Explicação do sentido da expressão «A quem vossa ousadia tanto ofende» (verso 16).
- Justificação da importância dos dois últimos versos na glorificação do herói d'Os *Lusíadas*.
- Referência a uma semelhança entre as estrofes apresentadas e a Proposição d'Os *Lusíadas*, relativamente à caracterização do herói.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

6 pontos

- 1** Associa cada elemento da coluna A ao único elemento da coluna B que lhe corresponde, de modo a identificares o processo de formação de cada palavra.

Escreve as letras e os números correspondentes. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

COLUNA A	COLUNA B
a) brilhantismo	1) derivação por prefixação
b) meio-dia	2) derivação por sufixação
c) entardecer	3) derivação por prefixação e sufixação
d) psicologia	4) parassíntese
e) inadaptável	5) composição (por radicais)
f) indelicado	6) composição (por palavras)

5 pontos

- 2** Completa cada uma das frases seguintes com a forma do verbo apresentado entre parênteses, no tempo e no modo indicados.

- a) Os visitantes (propor, pretérito perfeito do indicativo) que nós (ir, pretérito imperfeito do conjuntivo) ver os socorros.
- b) Se eu (intervir, pretérito imperfeito do conjuntivo) a tempo, os animais não (fugir, condicional composto).
- c) Ele sempre (crer, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) na capacidade dos trabalhadores.

Cotação

- 3 pontos **3** Reescreve cada uma das frases seguintes, introduzindo em cada uma a palavra/expressão indicada entre parênteses.
- Faz apenas as alterações necessárias.
- a) Construí-las-ão um dia.
(*todos*)
- b) Os jovens fizeram-no ontem.
(*já*)
- c) O João contou-no-la durante a aula.
(*eu desejava que*)
- 2 pontos **4** Seleciona a única opção em que a expressão sublinhada desempenha a função sintática de complemento oblíquo.
- (A) Os turistas foram àquela quinta ontem.
- (B) Os turistas visitaram aquela quinta ontem.
- (C) Aquela quinta foi comprada ontem pelos turistas.
- (D) O meu sonho era aquela quinta.
- 2 pontos **5** Reescreve na passiva a frase seguinte.
- Os turistas descreveram aos seus familiares as belezas daquele território.
- 2 pontos **6** Justifica a utilização das vírgulas na seguinte frase.
- Os turistas, que vinham da Finlândia, adoraram os socalcos.

GRUPO III

30 pontos Os idosos têm um saber resultante da sua longa experiência. Por essa razão, há quem defenda que deveriam ser estes a ocupar os cargos mais importantes para o país. Porém, outras pessoas sustentam que estes postos deveriam, antes, ser atribuídos aos jovens, pois estes têm direito a mostrar o seu valor.

Escreve um texto de opinião, que pudesse ser publicado num jornal escolar, em que apresentes razões para defender cada uma das perspetivas indicadas no parágrafo anterior, referindo com qual dessas perspetivas mais te identificas.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines o teu texto.

Frase ativa e frase passiva (página 157)

- (A) As canções de Natal foram cantadas pelos meninos na escadaria.
(B) A infância é considerada pelos adultos o seu tempo preferido.
(C) Menos barulho teria sido feito pelas pessoas se as tivessem avisado.
(D) Os passarinhos foram devolvidos ao seu habitat na primavera
- (A) Os meninos terão comido o pão?
(B) As raparigas teriam abandonado o colégio, se as deixassem.
(C) O dono da grande fábrica que ali vês construiu aquelas casas.
(D) Os jovens têm cantando esta música em todos os concertos.
- B
- O professor havia avisado as crianças?

Significados das palavras e relações entre palavras (página 159)

- B
- a – continente; b – Livro; c – religião; d – Transporte público
- a – olho humano; b – computador; c – bicicleta; d – flor
- Proposta:** Era uma vez um rapaz muito pobre. / Chegou a tua vez. / Ela tirou a vez ao amigo.
- vento, céu, ciclone, atmosfera, arco-íris, cascata.

Pontuação e sinais auxiliares de escrita (página 163)

Todavia, também ela tremia pelo seu príncipezinho! Quantas vezes, com ele pendurado do peito, pensava na sua fragilidade, na sua larga infância, nos anos lentos que correriam antes que ele fosse ao menos do tamanho de uma espada, e naquele tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do trono e espreitando de cima do seu rochedo, entre os alfanges da sua horda! Pobre príncipezinho de sua alma! Com uma ternura maior o apertava então nos braços. Mas se o seu filho chalhava ao lado – era para ele que os seus braços corriam com um ardor mais feliz. Esse, na sua indigência, nada tinha a recear da vida. Desgraças, assaltos da sorte má nunca o poderiam deixar mais despido das glórias e bens do mundo do que já estava ali no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez. A existência, na verdade, era para ele mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu príncipe, porque nenhum dos duros cuidados com que ela enegrece a alma dos senhores roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E, como se o amasse mais por aquela humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores – dos beijos que ela fazia ligeiros sobre as mãos do seu príncipe.

PROVAS-MODELO**Prova-Modelo 1** (página 166)**GRUPO I – PARTE A**

- (E), (A), (B), (F), (D), (G), (C)
2.1. (A) ; 2.2. (D) ; 2.3. (A) ; 2.4. (C)
- (B)

Parte B

- As entidades eram os anjos e vozes sem corpo, por um lado, e, por outro, os terrenos. O avô comunicava com os primeiros e ignorava os segundos.
- O narrador pretende afirmar que, embora o avô estivesse fisicamente junto deles, o seu comportamento demonstrava que ele estava ausente, como se observa no facto de ele permanecer calado na varanda e de passar o tempo a ler (ou a fingir ler) o jornal.
- O título não é adequado porque os engenheiros construíam obras materiais, enquanto o avô não edificava nada a não ser as nuvens que construía com a boca. Segundo o narrador, o avô dedicava-se a estas construções gasosas, imateriais.
- Por exemplo, pelos jornais deitados no caixote do lixo, que anunciavam a chegada do dia seguinte.
- Por exemplo: As crianças interpretam a realidade de forma diferente dado que têm uma imaginação fértil que lhes permite interpretar de forma particular os acontecimentos/ factos à luz da-

quilo que conhecem do mundo. Por esta razão, no poema de José Gomes Ferreira, a criança vê cavalos onde apenas estão nuvens e tem mesmo vontade de os montar e na crónica de António Lobo Antunes a criança julga que o avô falava com os anjos, quando na realidade estava a ter momentos de ausência, ou construía caravelas de fumo, quando estava apenas a fumar ou a olhar para o céu.

Parte C

- Tópicos de resposta: **1)** episódio do Adamastor; **2)** narrador: Vasco da Gama; marca linguística: «disse eu» (v. 3); **3)** Inicialmente, Adamastor surge como uma figura horrenda e aterrorizadora, mas, após a pergunta de Gama, dá um grito e retorce a boca e os olhos, dando sinais de grande sofrimento; **4)** Adamastor reage desta forma porque Gama tocou no seu ponto sensível ao obriga-lo a recordar-se da sua triste história de amor; **5)** Adamastor reconhece o valor dos portugueses, povo corajoso que ousa ir à descoberta; **6)** Por navegar onde ninguém navegou, o povo português é apresentado como um povo de heróis, ou seja, um povo de homens capazes de ultrapassar os limites da força humana; **7)** na Proposição, refere-se que os portugueses navegarão «por mares nunca de antes navegados», o que se comprova neste episódio de Adamastor, pelo que esta situação é uma prova de que o povo português é um povo de heróis capazes de ir mais além, fazendo «mais do que prometia a força humana».

GRUPO II

- (a) – (2); (b) – (6); (c) – (4); (d) – (5); (e) – (3); (f) – (1)
- a) propuseram; fôssemos; b) intervisse; teriam fugido; c) tinha crido.
- a) Todos as construirão um dia. b) Os jovens já o fizeram ontem. c) Eu desejava que o João no-la tivesse contado durante a aula.
- (A)
- As belezas daquele território foram descritas pelos turistas aos seus familiares.
- As vírgulas estão a destacar o modificador do nome apositivo ou as vírgulas estão a destacar uma oração subordinada adjetiva relativa explicativa.

Prova-Modelo 2 (página 172)**GRUPO I – PARTE A**

- 1.1. (D) ; 1.2. (B) ; 1.3. (C) ; 1.4. (B)
- (A)
- Aspeto comum: a falta de liberdade para comunicar. Duas expressões da entrevista: «esta viagem teve restrições importantes de comunicação» (l. 33) e «Impressionou-me testemunhar a força desse isolamento» (ll. 39-40). Uma expressão do excerto: «Não se pode entrar com telemóveis na Coreia do Norte.» (l. 1)

Parte B

- Por um lado, a Ama mostra estar convicta relativamente à necessidade de salvar o seu príncipe, pois estava certa de que a sua obrigação era salvar o seu príncipe, futuro rei. Por outro, a Ama evidencia um sentimento de desespera relativamente ao seu filho, porque sabia que estava a sacrificar a sua vida.
- O recurso expressivo é a comparação («como se arranca uma bolsa de ouro» (l. 12)). Este coloca em destaque as intenções do tio e dos seus soldados, que não revelam quaisquer sentimentos de humanidade perante um bebé, pois apenas se movem por interesses materiais e pela cobiça associada ao poder.
- O primeiro momento corresponde à chegada do tio e das suas tropas, que irrompem pelo palácio e levam o menino. Este momento é marcado pela escuridão e pelo silêncio («noite de silêncio e de escuridão» (l. 1), «imóvel no silêncio e na treva» (l. 14). O segundo momento corresponde à chegada das tropas da rainha, que vêm proteger o palácio dos invasores. Este momento é marcado pela luz e pelo ruído, como se observa nos exemplos: «brados de alarme de repente atroaram o palácio» (l. 15) e «longo flamejar de tochas» (l. 15).
- O narrador adota o ponto de vista do capitão e dos guardas do palácio, que estão a sofrer pela morte do bebé («Mas ai! Dor sem nome.» (l. 24)). Este sentimento é também marcado pelo uso do diminutivo («corpozinho») e dos adjetivos («terno»). Por outro lado, o narrador mostra que estes odiavam o tio, como se comprova pelo uso do nome «bastardo» e do adjetivo «ferozes».